

A dinâmica capitalista moderna promove inúmeras lógicas de exclusão tanto no interior das fronteiras dos Estados-Nação quanto naqueles que se veem obrigados a migrar. Esses últimos são encarados como anomalias biológicas que devem ser mantidas sob estreita vigilância até que seja possível seu expurgo. Dada a ausência de uma filosofia própria da migração ou, melhor ainda, do migrante enquanto sujeito protagonista, este dossiê convida os que se inquietam nessa seara a pensar em um movimento filosófico da migração. Movimento esse que implica abrir mão de desenhos de soluções simplistas para o fluxo de pessoas em situação de vulnerabilização social na contemporaneidade. Reduzir a questão migratória a isso é excludente por si só já que o apego à territorialidade, como teoriza Donatella Di Cesare¹, e a hospitalidade incondicional, nos termos derridianos², não são categorias apolíticas. Logo, carecemos de uma ética migratória fundada na justiça e inclusão social, ipso facto, e sem discriminação.

Partindo dessa premissa, os textos que integram este dossiê trazem à baila discussões urgentes e inescapáveis sobre migração, direitos humanos e as intersecções entre anticolonialidade, gênero, saúde e educação. Em um mundo marcado por deslocamentos forçados, desigualdades estruturais e crises humanitárias — quais projetos necropolíticos³ engenhosamente arquitetados e insidiosamente oxigenados — os trabalhos aqui elencados destacam a necessidade de repensar caminhos, práticas sociais e marcos teóricos que possam garantir dignidade e inclusão aos migrantes.

A filosofia da hospitalidade incondicional, proposta por Derrida e discutida no contexto dos haitianos no Brasil, revela a lacuna entre os ideais de acolhimento e a realidade enfrentada por essas comunidades. A violência de gênero, analisada sob a ótica do feminismo decolonial, expõe como as migrações femininas são, muitas vezes, estratégias de sobrevivência diante de opressões históricas perpetuadas pelo patriarcado colonial. Já os desafios enfrentados por famílias migrantes com crianças autistas evidenciam a urgência de políticas culturalmente sensíveis, que superem barreiras linguísticas e estruturais.

A mobilidade na América Latina e no Caribe é abordada como um fenômeno profundamente marcado pelo colonialismo, que hierarquiza corpos e nacionalidades. As experiências de crianças venezuelanas no Brasil e a representação de identidades fronteiriças na poesia de Cristina Gutiérrez reforçam a importância de reconhecer os migrantes como sujeitos ativos, produtores de cultura e conhecimento. Ocean Vuong, por sua vez, nos lembra, através da literatura, que histórias marginalizadas — como as da comunidade vietnamita-americana gay — devem ser preservadas e visibilizadas.

A pandemia de COVID-19 escancarou as fragilidades dos sistemas de saúde e proteção social, e.g. no Brasil e na Colômbia, onde as respostas governamentais muitas vezes negligenciaram os direitos humanos básicos. Diante disso, a psicoeducação e uma abordagem anticolonial, como propõem alguns dos trabalhos, surgem como ferramentas essenciais para promover justiça social e saúde mental entre os migrantes.

Por fim, as artes plásticas, o teatro e a educação são apontados como espaços de resistência e transformação, capazes de resgatar narrativas silenciadas e construir identidades coletivas. A escola, em particular, emerge como um locus privilegiado para o acolhimento intercultural, onde a “paisagem humana” diversa pode ser valorizada e integrada ao currículo.

Este conjunto de reflexões nos convida a agir: é imperativo desconstruir lógicas colonialistas, xenófobas e excludentes, substituindo-as por práticas baseadas em hospitalidade radical, interseccionalidade e direitos humanos. Só assim poderemos construir uma sociedade

1Di Cesare, D. (2020). *Estrangeiros residentes: Uma filosofia da migração*, (C. Tripadalli, Trad.). Âyné.

2 Derrida, J. (2003). *Da hospitalidade*, (A. Romane, Trad.). Editora Escuta.

3 Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. (R. Santini, Trad.). n-1 edições.

verdadeiramente inclusiva, onde migrar não seja sinônimo de vulnerabilização, mas de possibilidade. Esta é a contribuição oferecida por este dossiê para lograr esse objetivo.

Por conseguinte, entendemos ser imprescindível não permitir que nos escape a compreensão sempre mais aprofundada, nos termos abordados por Sousa Santos e Meneses⁴, bem como por Césaire⁵, que as bases históricas do processo colonizador e o subsequente colonialismo guardam uma relação simbiótica com o patriarcado e o capitalismo, que promovem e, ao mesmo tempo, recriminam com veemência a errância. Em seguida, é preciso aliar essa compreensão ao pensamento decolonial sem deixar de avançar a uma plataforma anticolonial nos termos propostos por Sousa Santos⁶, Cusicanqui⁷ e Domenico Losurdo⁸.

Disso tratamos, quais pesquis-a-dores⁹ mundo afora, ao abordar essa temática a partir de nossos loci de enunciação e sob diferentes perspectivas!

Organização

Prof. Dr. Rubens Lacerda de Sá

Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio Abreu Pestana Santos

4 Sousa Santos, B., & Meneses, M. P. (2013). *Epistemologias do sul*. Editora Cortez.

5 Césaire, A. (2020). *Discurso sobre colonialismo*, (C. Willer, Trad.). Editora Veneta

6 Sousa Santos, B. (2021). *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. Editora Autêntica.

7 Cusicanqui, S. R. (2021). *Ch'ixinakax utxiwa: Uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*. Ed. n-1.

8 Losurdo, D. (2020). *Colonialismo e luta anticolonial*, (D. Silveira et al., Trad.). Bomtempo.

9 Sá, R. L. (2017). Imigrantes hispano-americanos, (inter)culturalidade crítica e língua portuguesa. *Revista Estudos Acadêmicos de Letras*, 10(1), 63-73. <https://doi.org/10.30681/real.v10i1.1826>